

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Conflitos latentes e reconfiguração de alianças devem marcar o tabuleiro internacional em 2026

Apesar do cenário, hipótese de um embate global é afastada por especialistas

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O mundo inicia 2026 sem sinais de alívio nas tensões que atravessaram os últimos anos. Conflitos prolongados, rivalidades entre grandes potências e disputas por zonas de influência seguem ditando o ritmo da geopolítica global – e, longe de arrefecer, tendem a ganhar novas camadas de complexidade. O resultado é um ambiente em que estabilizações são raras, e cada avanço diplomático convive com o risco permanente de retrocesso.

Para a cientista política Luana Geiger, coordenadora do curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), esse movimento não surpreende. Ela observa que as crises mais profundas têm origens estruturais e, portanto, não produzem soluções rápidas ou sustentáveis no longo prazo. Em um cenário de interdependência crescente, conflitos antes vistos como regionais passaram a impactar cadeias de suprimentos, custos globais, decisões de investimento e políticas de segurança nacional. A leitura estratégica, diz, tornou-se



Disputa estratégica entre China e Estados Unidos permanecerá como eixo central

indispensável justamente porque hoje nada está isolado.

O professor João Jung, também da Pucrs, reforça essa percepção ao exemplificar que a guerra entre Rússia e Ucrânia, que entra no quinto ano, continua reorganizando prioridades de Washington, Moscou, Pequim e da própria Europa. “As crises se conectam; um movimento no Leste Europeu impacta o Indo-Pacífico,

o Oriente Médio e até as Américas”, diz. Para ele, essa interdependência é um dos principais motores da instabilidade atual.

No caso específico da guerra, Jung avalia que Moscou preserva vantagem estratégica. A Rússia não cede porque entende que “já venceu no plano estrutural”, enquanto a Ucrânia e a União Europeia enfrentam desgaste político, econômico e militar.

Os Estados Unidos, por sua vez, não demonstram disposição para liderar uma solução duradoura. A possível mudança de postura norte-americana liderada por Donald Trump amplia incertezas sobre o futuro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o volume de apoio a Kiev. Luana acrescenta que qualquer saída realista dependerá de negociações envolvendo o republicano,

Putin e a aliança atlântica – algo que, por ora, parece distante.

Já no Oriente Médio, o cessar-fogo entre Israel e Palestina permanece frágil, marcado por denúncias mútuas de violações e por um ambiente político cada vez mais imprevisível. O Hezbollah amplia sua influência no Líbano, a Síria continua imersa em uma guerra não resolvida e o Irã segue expandindo sua presença regional.

Jung descreve o cenário na região como “um caldeirão prestes a estourar”, citando que a rivalidade persistente entre Irã e Arábia Saudita – apesar de alguns gestos de distensão – ainda dita a temperatura da região. A mediação chinesa entre os dois países, embora relevante, não altera as estruturas que alimentam esse ciclo de instabilidade.

A Ásia, por sua vez, concentra uma das frentes mais sensíveis de 2026. Taiwan, essencial para a indústria global de semicondutores, permanece sob crescente pressão militar da China. Luana lembra que a prioridade de Pequim é garantir estabilidade para seu projeto de desenvolvimento, entretanto, isso não impede demonstrações recorrentes de força no Estreito de Taiwan e no Mar do Sul da China. Jung vê risco de escalada: “Se Taiwan estoura, entramos em uma disputa direta entre grandes potências. Aí, sim, muda o jogo inteiro”.

Tensões periféricas, riscos globais e o impacto direto nas Américas

Além dos conflitos mais visíveis, regiões periféricas concentram crises que moldam cadeias produtivas e rotas comerciais. A África enfrenta sucessivos golpes militares – como em Níger, Burkina Faso, Guiné-Bissau e Benin –, ampliando a fragmentação da União Africana, peça-chave para a estabilidade no continente. Jung destaca que áreas como o Sahel, os Grandes Lagos e o Chifre da África vivem ciclos permanentes de violência, com efeitos diretos sobre o Mar Vermelho e o Canal de Suez, rotas estratégicas por onde passa grande parte do comércio global.

Na Ásia continental e África Central, tanto a guerra civil em Myanmar quanto as tensões entre Ruanda e Congo seguem sem perspectiva de resolução. Conforme a professora da Pucrs,

a ausência de estabilização no curto prazo pressiona cadeias logísticas e eleva custos em setores dependentes de insumos sensíveis.

No centro do tabuleiro geopolítico está a relação entre Estados Unidos e China. A nova Estratégia Nacional de Defesa americana indica maior foco nas Américas, seu entorno imediato. As incursões navais e o deslocamento de tropas para a costa venezuelana sugerem que a rivalidade entre Washington e Caracas pode ganhar força em 2026.

“Os EUA concentrando tropas na América Latina é preocupante, especialmente quando o argumento é o narcoterrorismo”, afirma Jung. Ele ressalta que a securitização do debate pode ampliar a presença militar norte-americana na região,

tensionando governos e organismos multilaterais.

O Brasil acompanha esse movimento em um ano eleitoral delicado. Embora a política externa raramente determine o voto, o docente observa que, em “governos Lula”, o tema costuma ganhar maior visibilidade pública. A necessidade de equilibrar relações com EUA e China – justamente quando ambas ampliam sua disputa estratégica – deve colocar a diplomacia brasileira em posição sensível. Luana avalia que esse contexto exigirá habilidade para resistir a pressões externas e preservar autonomia decisória.

Apesar do ambiente carregado, os especialistas afastam a hipótese de um conflito global. O que se projeta é uma instabilidade prolongada, sustentada por

redes de interdependência, rivalidades persistentes e conflitos sem solução à vista. Crises avançam e recuam sem se encerrar, alianças se reorganizam e a disputa tecnológica, militar e estratégica moldam cada vez mais a vida econômica dos países.

A demanda por análises especializadas deve crescer. Para Luana, os tomadores de decisão precisarão acompanhar de perto movimentos que parecem distantes, mas que podem alterar preços, comércio e segurança em poucas horas. Em outras palavras, 2026 deve aprofundar a lógica de um mundo em tensão contínua, no qual cada peça deslocada no tabuleiro repercute muito além de suas fronteiras, redefinindo, dia após dia, os contornos da ordem internacional.



Presidente dos EUA, Donald Trump está no centro do cenário político